Há encontros que transformam:

Literatura, protagonismo infantil e formação para uma humanidade renovada

Relato de experiência do projeto "Biblioteca: Um Mundo de Histórias a Ser Explorado!"

Edilene Maria Lopes e Bastos[1]

Outubro de 2026

Naquele dia, pensei que estava apenas diante do registro de uma criança lendo um livro. Somente mais tarde compreendi que aquele momento revelava um percurso leitor construído ao longo de muitos encontros com a literatura. É a partir dessa experiência aparentemente simples que compartilho uma vivência que tem me ajudado a compreender, no cotidiano da escola, o que pode significar educar para uma humanidade renovada.

Atuo como orientadora pedagógica na Unidade I do Colégio dos Jesuítas, em Juiz de Fora, acompanhando o trabalho desenvolvido com crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Entre as ações que integram esse percurso está o projeto "Biblioteca: Um Mundo de Histórias a Ser Explorado!", que organiza visitas semanais à biblioteca e assegura às crianças tempo para explorar o acervo, conversar sobre os livros, fazer escolhas e levar uma obra para compartilhar com suas famílias.

A convocatória do Boletim do Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana para outubro de 2026 nos convida a refletir sobre práticas capazes de formar pessoas "des-centradas", orientadas para a justiça, a reconciliação, a paz, a fraternidade e o serviço aos demais. Ao revisitar o projeto da biblioteca a partir desse chamado, reconheço que a formação de leitores, quando compreendida como experiência humana, cultural e relacional, também

[1] Orientadora pedagógica - Colégio dos Jesuítas – Juiz de Fora (MG), Brasil. Artigo recebido para publicação na edição de outubro de 2026 do Boletín de Selecciones do Centro Virtual de Pedagogia Inaciana (CVPI), Conferência de Provinciais da América Latina e do Caribe (CPAL), Companhia de Jesus.

pode colaborar com essa missão. A literatura amplia horizontes, coloca a criança em contato com outras vidas e culturas, mobiliza afetos, favorece a escuta e cria oportunidades para que ela reconheça sua própria voz e, ao mesmo tempo, se abra à voz do outro.

A biblioteca como lugar de encontro

Na Unidade I, a biblioteca não é concebida apenas como espaço de empréstimo de livros ou apoio à alfabetização. Buscamos fazer dela um lugar de pertencimento, descoberta e encontro. Cada turma possui um dia e um horário definidos para frequentá-la. Essa regularidade é uma escolha pedagógica: reservar tempo semanal para estar entre livros significa reconhecer a literatura como parte da formação integral da criança.

As professoras e a equipe da biblioteca apresentam títulos, acolhem perguntas e ajudam na exploração do acervo, mas procuram não substituir a decisão das crianças. Escolher também é aprender. É observar, comparar, experimentar, voltar atrás, reconhecer preferências e assumir uma decisão. A autonomia, nesse sentido, não significa ausência de mediação; nasce de uma mediação que oferece repertório, organiza condições de acesso e confia na capacidade da criança.

Ao final de cada visita, a obra escolhida segue para casa. Assim, o livro ultrapassa os limites físicos da escola e se transforma em possibilidade de encontro com pais, mães, avós, irmãos e outros adultos significativos. A leitura compartilhada aproxima escola e família sem transformar o livro em tarefa ou instrumento de controle. O convite é para que a história circule, seja ouvida, comentada, recontada e, sobretudo, vivida em relação.

O encontro de Júlia com Obax

Foi nesse contexto que ocorreu o encontro que deu origem a este relato. Júlia, nome utilizado aqui para preservar a identidade da estudante, cursava o 2º ano do Ensino Fundamental e frequentava a biblioteca desde a Educação Infantil. Na ocasião, foi convidada pela equipe de Comunicação da escola para participar da divulgação dos novos livros adquiridos para o acervo da biblioteca. A proposta era que realizasse a leitura de uma das novas obras e a apresentasse em um registro destinado aos canais institucionais da escola. Entre os títulos selecionados estava Obax, de André Neves. O contato com a obra despertou seu interesse e, durante a leitura, Júlia demonstrou envolvimento com a narrativa, com as ilustrações e com a história da personagem.

Obax apresenta uma menina africana criativa e sonhadora que, depois de contar ter presenciado uma chuva de flores e não ser acreditada pelas pessoas de sua aldeia, parte em uma jornada. A narrativa celebra a imaginação, a amizade e a oralidade e oferece ao

leitor a possibilidade de entrar em contato com outras paisagens e referências culturais.

Júlia permaneceu concentrada na leitura e demonstrou forte envolvimento com a obra. Ao realizar a apresentação proposta, recontou a história com suas próprias palavras, selecionando acontecimentos, organizando a sequência narrativa e imprimindo à contação marcas de sua interpretação. Embora o registro tenha surgido a partir de um convite da equipe de Comunicação para divulgar os novos títulos do acervo, o vídeo ultrapassou essa finalidade inicial. Tornou-se também uma documentação pedagógica capaz de dar visibilidade à voz da criança e ao percurso de formação leitora que vinha sendo construído desde a Educação Infantil.

Ao rever esse registro, percebi que o mais significativo não estava apenas no fato de Júlia compreender e apresentar a narrativa. Estava na segurança, no envolvimento e na autoria com que se apropriou da história para comunicá-la a outras pessoas. A criança deixou de ocupar somente o lugar de destinatária da obra e assumiu também o lugar de mediadora: alguém que interpreta, narra e convida outras pessoas a se aproximarem de um livro.

Uma formação que começa cedo e se constrói em comunidade

O episódio não pode ser explicado por uma única leitura nem apenas pelo convite para participar da divulgação dos novos livros. A familiaridade de Júlia com a biblioteca, sua atenção às imagens, a capacidade de recontar, a segurança para se expressar e o envolvimento com a narrativa foram sendo construídos ao longo de uma trajetória iniciada na Educação Infantil. Por isso, a experiência reforçou em mim a convicção de que a formação leitora não começa quando a criança passa a dominar convencionalmente o sistema de escrita.

Colomer, Manresa, Ramada Prieto e Reyes López (2024) compreendem a educação literária como um percurso de familiarização com os livros, interpretação e participação em práticas sociais de leitura. As crianças aprendem também ao observar capas e ilustrações, manusear livros, ouvir narrativas, comentar personagens, antecipar acontecimentos e compartilhar interpretações. A exploração livre do acervo, portanto, não é um tempo vazio, é parte da aprendizagem literária.

Jorge Larrosa (2002) ajuda a compreender outra dimensão dessa vivência ao afirmar que a experiência é aquilo que nos acontece, nos toca e nos transforma. A rotina semanal da biblioteca não garante que toda leitura se torne inesquecível, mas cria condições para que encontros significativos possam acontecer. Para isso, é necessário preservar tempo, atenção e certa lentidão em uma escola frequentemente atravessada pela pressa.

A experiência também evidencia que formar leitores é uma responsabilidade coletiva. Professoras, equipe da biblioteca, orientação pedagógica e famílias exercem papéis distintos e complementares. A professora prepara e acompanha o grupo, observa interesses e prolonga as experiências; a biblioteca oferece acervo, espaço e acolhimento; a orientação pedagógica articula tempos, pessoas e intencionalidades; as famílias ampliam a circulação das histórias; e as crianças dão sentido a todo o trabalho por meio de suas escolhas, perguntas, leituras e narrativas.

Literatura e educação para uma humanidade renovada

Ao aproximar essa experiência do chamado proposto para o Boletim do CVPI, percebo que educar para uma humanidade renovada também se realiza em gestos cotidianos. Não se trata de acrescentar ao projeto uma atividade artificialmente denominada "inaciana", mas de reconhecer e aprofundar dimensões já presentes quando a ação educativa coloca a pessoa no centro, favorece relações, amplia a consciência do outro e conduz a uma participação mais livre e responsável.

A educação jesuíta, fundamentada na espiritualidade inaciana, busca uma formação integral que ajude cada pessoa a sair de si para colocar seus dons a serviço dos demais. Nessa perspectiva, uma criança que aprende a escutar histórias, acolher diferentes modos de viver, reconhecer outras culturas, expressar sua compreensão e compartilhar aquilo que a tocou está vivendo experiências que podem contribuir para uma formação humana mais aberta, sensível e fraterna.

A literatura não produz automaticamente justiça, paz ou fraternidade. Entretanto, pode criar espaços simbólicos nos quais a criança encontra o diferente, exercita a imaginação, experimenta outros pontos de vista e elabora sentimentos e perguntas sobre o mundo. Quando a escola garante acesso a obras de qualidade e diversidade cultural, respeita a escolha infantil e promove o compartilhamento, contribui para formar leitores que não apenas decodificam palavras, mas aprendem a se relacionar com pessoas, histórias e realidades.

Nesse sentido, o protagonismo de Júlia é especialmente significativo. O convite para apresentar Obax encontrou uma criança que já possuía uma trajetória de convivência com os livros e que pôde assumir a palavra com segurança, interpretar a narrativa e compartilhá-la com a comunidade. É nesse movimento que a experiência individual ganha uma dimensão coletiva, aquilo que a criança lê e significa pode ser oferecido aos outros. Ela é reconhecida não apenas como alguém que recebe cultura, mas como sujeito que a interpreta, recria e faz circular.

O que a experiência transformou em minha prática

Como orientadora pedagógica, a escrita e a revisão desse relato também transformaram meu modo de olhar para o trabalho de acompanhamento. Organizar horários, dialogar com professoras, cuidar da continuidade do projeto, discutir a seleção do acervo e garantir condições para os empréstimos podem parecer ações administrativas. No entanto, são decisões que sustentam possibilidades concretas de formação.

A experiência reforçou a necessidade de continuar investindo na formação dos educadores para a mediação literária, na qualidade e diversidade do acervo, na autonomia das crianças e na continuidade entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. Reafirmou, ainda, a importância da documentação pedagógica, registrar não é apenas comprovar que algo aconteceu, mas voltar ao vivido, contemplá-lo com atenção, discernir o que ele nos ensina e transformar experiência em conhecimento para a comunidade educativa.

Esse movimento — experiência, reflexão e ação — aproxima-se do modo de proceder da pedagogia inaciana. A experiência concreta de uma criança diante de um livro provocou reflexão sobre as condições que a tornaram possível e, dessa reflexão, emergem novos compromissos. Preservar o tempo da literatura, qualificar a mediação, ampliar a diversidade das obras, fortalecer a parceria com as famílias e continuar reconhecendo a criança como protagonista.

Para continuar abrindo caminhos

Naquele dia, pensei que estava acompanhando apenas a divulgação de um novo livro do acervo. Hoje compreendo que o registro revelou muito mais, mostrou uma leitora que vinha sendo formada desde a Educação Infantil, por meio de encontros frequentes com a literatura, da mediação dos educadores, da convivência com a biblioteca e das experiências compartilhadas com a família. O convite para apresentar Obax tornou visível um percurso que já estava em construção.

Talvez educar para uma humanidade renovada comece também assim, criando condições para encontros que ampliem o olhar, mobilizem a sensibilidade, fortaleçam vínculos e despertem o desejo de compartilhar. Em uma biblioteca escolar, entre uma criança e um livro, podem nascer perguntas, afetos e gestos que ultrapassam a leitura e participam da formação de pessoas mais conscientes de si, abertas aos outros e disponíveis para construir, em comunidade, um mundo mais humano.

Que a biblioteca continue sendo, para cada criança, um mundo de histórias a ser explorado. E que a escola preserve o tempo, a escuta e o cuidado necessários para que

livros, leitores e comunidades possam se encontrar e transformar uns aos outros.

Referências

CENTRO VIRTUAL DE PEDAGOGÍA IGNACIANA (CVPI/CPAL). Convocatoria para el Boletín CVPI Octubre 2026: “Educando para una humanidad renovada”. 2026.

COLOMER, Teresa; MANRESA, Mireia; RAMADA PRIETO, Lucas; REYES LÓPEZ, Lara. Narrativas literárias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tradução de Judith Nuria Maida. São Paulo: Global Editora, 2024.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

NEVES, André. Obax. São Paulo: Brinque-Book, 2010.